
 Francisco de Assis Guedes de Vasconcelos<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal de Santa Catarina <sup>ROR</sup>, Centro de Ciências da Saúde, Programa de Pós-Graduação em Nutrição. Campus Universitário Reitor João David Ferreira Lima, Florianópolis, SC, Brasil.

**Correspondência**

Francisco Vasconcelos  
f.vasconcelos@ufsc.br

**Editor Associado**

 Fabiana Bom Kraemer

## ***Os múltiplos e complexos significados da fome no romance O quinze, de Rachel de Queiroz: uma análise histórico-literária***

### **The multiple and complex meanings of hunger in the novel *O quinze*, by Rachel de Queiroz: a historical-literary analysis**

#### **Resumo**

**Introdução:** O romance *O quinze*, de Rachel de Queiroz, publicado em 1930, é um marco da *literatura da seca* no Brasil. **Objetivo:** Realizar análise histórico-literária do romance *O quinze*, procurando identificar os significados do conceito de fome, bem como compreender como a autora relatou aspectos do ambiente alimentar, dos hábitos e práticas alimentares no contexto temporal e ambientação da obra. **Método:** A análise fundamentou-se em referencial teórico-conceitual do campo da Nutrição, complementada por revisão bibliográfica. **Resultados:** A palavra “fome” foi usada com múltiplos e complexos significados, sendo os mais frequentes: morrer de fome por privação alimentar (em função da seca e da miséria); sensação biológica momentânea por não ter o que comer; ter fome crônica ou de longa duração; fome como sujeito ou ente maligno; e significados hiperbólicos: roncar de fome, chorar de fome, embriagar-se de fome e enlouquecer de fome. A descrição das consequências biológicas e sociais da fome denota a aproximação da autora com os movimentos literários do naturalismo e do realismo social. A autora abordou com precisão a dieta básica das famílias de sertanejos retirantes. Utilizando recursos do realismo literário, de forma simples e coloquial, a escritora procurou retratar as degradantes consequências provocadas pela fome e miséria. Portanto, seguiu a trilha dos romances que inauguraram a *literatura da seca*. **Conclusão:** Embora não explicita a determinação histórico-social e política da fome e suas formas de enfrentamento no contexto cearense da seca de 1915, o romance procura abordar a temática dentro de uma perspectiva crítico-social.

**Palavras-chave:** Fome. Nutrição. Insegurança Alimentar. Privação de Alimentos. Literatura. Brasil.

#### **Abstract**

**Introduction:** The novel *O quinze*, by Rachel de Queiroz, published in 1930, is a landmark in the literature on drought in Brazil. **Objective:** To conduct a historical-literary analysis of the novel *O quinze*, seeking to identify the meanings of the concept of hunger, as well as to understand how the author portrayed aspects of the food environment, habits, and food practices in the

temporal context and setting of the work. **Method:** The analysis was based on a theoretical-conceptual framework from the field of Nutrition, complemented by a bibliographic review. **Results:** The word "hunger" was used with multiple and complex meanings, the most frequent being: dying of hunger due to food deprivation (caused by drought and misery); a momentary biological sensation of not having anything to eat; chronic or long-lasting hunger; hunger as a subject or evil entity; and hyperbolic meanings: growling stomach from hunger, crying from hunger, drunk from hunger, and going mad from hunger. The description of the biological and social consequences of hunger denotes the author's affinity with the literary movements of naturalism and social realism. The author accurately addressed the basic diet of families of migrants from the backlands. Using resources of literary realism, in a simple and colloquial way, the writer sought to portray the degrading consequences of hunger and misery. Therefore, she followed the path of novels that inaugurated the drought literature. **Conclusion:** Although not explicitly stated the historical, social, and political determination of hunger and its forms of challenge in the state of Ceará in the framework of the 1915 drought, the novel seeks to address the subject from a critical-social perspective.

**Keywords:** Hunger. Nutrition. Food Insecurity. Food Deprivation. Literature. Brazil.

## INTRODUÇÃO

No Brasil, a fome, concebida como privação parcial ou total de alimentação adequada para atender às necessidades nutricionais individuais ou populacionais e, por consequência, provocar a morte, é um fenômeno recorrente, cíclico, que tem sido estudado desde meados do século XIX.<sup>1-6</sup> A partir da década de 1930, com os estudos do médico Josué de Castro (1908-1973) e seus pares, a concepção de fome como fenômeno de natureza essencialmente biológica (individual) e de determinação natural ganhou novos significados, incorporando dimensões sociais e políticas. Além de elaborar conceitos de áreas alimentares - fome endêmica, fome epidêmica e subnutrição -, Josué de Castro compreendeu a fome como fenômeno histórico, político, econômico e sociocultural.<sup>1,5,6</sup> Ao longo dos anos, essa percepção de fome difundida por Josué de Castro vem sendo reproduzida, revisada e atualizada por cientistas de distintos campos de conhecimento. O filósofo Ricardo Abramovay, no início dos anos 1980, argumentou que a fome tem uma dimensão biológica, mas que é um fato de ordem social, decorrente da forma de organização da sociedade, na qual os extremos da miséria e da opulência se tocam permanentemente.<sup>7</sup> Já o médico Flávio Valente, também na década de 1980, formulou a teoria da determinação social da fome/desnutrição, na qual concebeu que a fome é a “manifestação a nível do corpo da classe trabalhadora da exploração econômica e consequente privação social a que ele é submetido sob o modo de produção capitalista”<sup>8</sup> (p.107). Por sua vez, a nutricionista Maria do Carmo Soares de Freitas, no início dos anos 2000, em uma abordagem fenomenológica, argumentou que os significados hermenêuticos da fome transcendem a imagem corporal da carência de alimentos, indo ao encontro de outras concepções sustentadas por um sistema de símbolos e geradas pela insegurança concreta de alimentar-se, vivida pelo indivíduo em sua intersubjetividade.<sup>9</sup> No campo da História, o estudo de Sordi & Leme<sup>10</sup> retomou a concepção de fome endêmica, epidêmica e subnutrição difundida por Josué de Castro,<sup>1</sup> na tentativa de compreender sua “função de instrumento de denúncia e reivindicação social” na agenda das políticas públicas do estado neoliberal brasileiro, implantado a partir de 2016. No campo de Serviço Social, Teles et al.<sup>11</sup> recuperaram a abordagem materialista histórico-dialética da fome que circulou na década de 1980 e afirmaram que a fome é um

[...] projeto operacionalizado pela burguesia e protagonizado pela omissão do Estado, que perpetua sistemas de (des)proteção social e que se estrutura na naturalização da condição de desigualdade, herdada pelo escravismo colonial e reforçada institucionalmente no capitalismo dependente (p.158).

Nos últimos vinte anos, tem-se observado relevante oscilação nos índices de fome ou de insegurança alimentar (IA) grave no Brasil. Sendo assim, no período de 2003 a 2014, com a implementação do Programa Fome Zero e do Plano Brasil sem Miséria, e a instituição de outras políticas sociais e econômicas estruturantes, observou-se redução dos índices de pobreza e consequente melhoria das condições de vida da população brasileira, o que possibilitou a saída do país do mapa da fome da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO) no ano de 2014.<sup>12</sup> Em 2004, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), cerca de 14 milhões de brasileiros (7,7% da população) viviam em situação de fome ou IA grave. Já em 2014, a prevalência de pessoas em situação de IA grave era 3,2% (7,2 milhões de brasileiros).<sup>13</sup> Entre 2016 e 2022, com o avanço da política econômica neoliberal, com viés ideológico identificado como de extrema-direita, intensificou-se o processo de desmantelamento das políticas públicas e das instâncias de controle social no país. Além disso, com a pandemia de Covid-19, a partir de 2020, acirrou-se a crise econômico-financeira e política no Brasil, acarretando a ampliação das taxas de desemprego, pobreza e miséria e, por consequência, os índices de IA e de fome.<sup>12-14</sup> Portanto, entre junho de 2017 a julho de 2018, a IA grave (fome) atingia cerca de 10,3 milhões de brasileiros, correspondendo a

mais de 5% da população do país, situação que provocou o retorno do Brasil ao mapa da fome da FAO no ano de 2018.<sup>12-16</sup> Em 2022, segundo a FAO, o número de pessoas afetadas por IA grave (fome) era de 17,2 milhões de brasileiros. A partir de 2023, com a mudança de cenário político, têm sido observadas melhorias econômicas e sociais, redução do desemprego, elevação da renda e dos salários, incremento de políticas públicas de proteção social e, por consequência, redução da pobreza e dos índices de insegurança alimentar. Neste sentido, o índice de IA grave caiu para 2,5 milhões de brasileiros em 2023.<sup>2,17</sup> Ainda de acordo com a FAO, entre 2022 e 2024, a prevalência média de pessoas em situação de fome foi de 13,5 milhões da população brasileira; entretanto, o país saiu novamente do mapa da fome, ao apresentar um índice de subnutrição inferior a 2,5%.<sup>4</sup>

Por outro lado, as narrativas sobre a problemática da fome no campo da literatura brasileira surgiram entre o final do século XIX e o início do século XX, quando foi constituída a chamada *literatura da seca*. Esse movimento literário apresentou uma primeira fase entre 1875 e 1903, com a publicação de obras caracterizadas pelo uso das temáticas da seca e da fome no sertão nordestino, tais como: *O sertanejo* (1875), de José de Alencar; *O cabeleira* (1876), de Franklin Távora; *Os retirantes* (1879), de José do Patrocínio; *A fome: cenas da seca no Ceará* (1890), de Rodolfo Teófilo; *Os sertões* (1902), de Euclides da Cunha (1902) e *Luzia-Homem* (1903), de Domingos Olímpio. Por sua vez, a segunda fase da *literatura da seca* corresponde ao período de 1928 a 1946, no qual se destacam, entre outras, as seguintes obras: *A bagaceira* (1928), de José Américo de Almeida; *O quinze* (1930), de Rachel de Queiroz; *Menino de engenho* (1932), de José Lins do Rego; *Vidas secas* (1938), de Graciliano Ramos; *Terras do sem fim* (1943), de Jorge Amado; e *Sagarana* (1946), de Guimarães Rosa.<sup>18-23</sup>

O romance *O quinze*, publicado em 1930, constitui um marco do movimento literário regionalista e modernista brasileiro das décadas de 1930 e 40, sendo considerado a obra-prima da escritora cearense Rachel de Queiroz (1910-2003).<sup>24,25</sup> Esse romance procura retratar o fenômeno da seca de 1915 no sertão nordestino e suas consequências biológicas, psicológicas, ambientais e socioeconômicas.<sup>25</sup> *O quinze* é um dos romances da segunda fase do modernismo brasileiro,<sup>24</sup> cujos principais atributos reconhecidos pela crítica literária são: vinculação ao regionalismo (valorização da realidade regional nordestina, com foco na seca); identificação com o realismo social (narrativa centrada na miséria e na fome do contexto social); uso de linguagem simples e coloquial; crítica social; valorização do espaço/ambiente sertanejo; destaque e valorização do papel da mulher na literatura brasileira; determinismo causal do fenômeno da seca, da miséria e da fome; e narrativa linear.<sup>26-35</sup>

Nos últimos dez anos (2015-2025), foram localizados pelo menos dez artigos publicados em periódicos científicos que analisaram o romance *O quinze*, de Rachel de Queiroz, procurando investigar temáticas específicas e sob distintas abordagens teórico-conceituais.<sup>26-35</sup> Observou-se que três desses estudos são do campo das Ciências Biológicas;<sup>30,32,35</sup> dois do campo das Letras;<sup>27,33</sup> dois da Medicina;<sup>29,34</sup> um da História;<sup>26</sup> um da Geografia;<sup>28</sup> e um do Direito.<sup>31</sup> Um destes abordou a questão da fome,<sup>33</sup> apesar de não ser do campo da Nutrição.

Embora essa obra de Rachel de Queiroz tenha sido revisitada nos últimos dez anos, em função da relevância e atualidade da temática da fome,<sup>2,4</sup> considera-se que ainda são escassos os estudos com olhar específico do campo da Nutrição, justificando-se a elaboração do presente artigo. Portanto, o objetivo do artigo foi realizar análise histórico-literária de *O quinze*, de Rachel de Queiroz, procurando identificar os significados do conceito de fome, bem como compreender como a autora relatou aspectos do ambiente alimentar, dos hábitos e práticas alimentares no contexto temporal e ambientação do romance.

## MÉTODOS

Trata-se de análise histórico-literária do romance *O quinze*,<sup>25</sup> de Rachel de Queiroz. De acordo com Antonio Candido,<sup>36</sup> essa tipologia de estudo se fundamenta pela busca da compreensão do contexto histórico, da situação política, social e cultural da época em que esta obra literária foi publicada.

Os procedimentos metodológicos para a realização da análise histórico-literária de *O quinze* consistiram na execução de seis etapas sequenciais, assim descritas: 1ª) leitura minuciosa, visando análise e compreensão da obra; 2ª) identificação das passagens, cenas ou narrativas textuais de aparição e quais os sentidos da palavra “fome”; 3ª) identificação de outras palavras associadas à palavra “fome”, tais como alimentação, alimentos, refeições, comida, comer, nomes de alimentos específicos (açúcar, carne, café, farinha, feijão, frutas, legumes, milho etc.); 4ª) mensuração das palavras observadas com o propósito de verificar a frequência de uso pela autora da obra; 5ª) elaboração de sumário analítico, buscando compreender como a autora reportou aspectos do ambiente alimentar, dos hábitos e práticas alimentares dentro do contexto temporal e ambientação do romance; e 6ª) discussão com a literatura pertinente à temática investigada.

Realizou-se a captura de um arquivo em formato pdf (*portable document format*) da obra, aplicando a plataforma Google®, para o desenvolvimento das etapas 2, 3 e 4, descritas anteriormente. Nos procedimentos de identificação e mapeamento das palavras na obra, utilizou-se a ferramenta localizar (Ctrl+L) no arquivo pdf.

Nos procedimentos de análise e compreensão dos significados da palavra “fome” e demais palavras relacionadas aos aspectos do ambiente alimentar, dos hábitos e práticas alimentares, no contexto temporal e ambientação de publicação da obra, utilizou-se referencial teórico do campo da Nutrição. Sendo assim, o conceito de fome foi analisado com base em suas múltiplas dimensões: biológica, social, psicológica, econômica, política e cultural, bem como vernácula, etimológica e literária.<sup>1,5-11</sup> O conceito de ambiente alimentar fundamentou-se em Glanz et al.,<sup>37</sup> e a investigação dos aspectos relativos aos hábitos e práticas alimentares baseou-se em abordagem antropológica em alimentação e nutrição.<sup>38</sup>

Foi realizada busca bibliográfica sobre a temática em duas bases eletrônicas de dados: SciELO e Google Acadêmico. A busca bibliográfica não exaustiva teve por objetivo, além de traçar um estado da arte dos estudos prévios publicados sobre a obra *O quinze*, criar embasamento teórico para a análise histórico-literária. Portanto ressalta-se que, dos estudos localizados, foram selecionados, prioritariamente, aqueles publicados em periódicos científicos. Foram excluídos livros, dissertações, teses, trabalhos de conclusão de curso, e trabalhos apresentados em eventos científicos.

### Os significados da fome em *O quinze*

*O quinze* é composto por 26 capítulos que buscam retratar as consequências da seca de 1915 na Região Nordeste do Brasil. A ambientação do enredo ocorre no estado do Ceará, particularmente no trajeto entre a cidade de Quixadá e a capital Fortaleza (cerca de 165 km), percurso realizado a pé pela família do personagem principal, o vaqueiro Chico Bento, sua esposa Cordulina e seus três filhos.<sup>25</sup>

Ao longo do romance *O quinze*, a palavra “fome” foi usada 35 vezes, assumindo múltiplos significados,<sup>1,5-11</sup> sendo os mais frequentes morrer de fome por privação alimentar (não ter alimentos para comer em função da seca e da miséria); estar com fome ou muita fome (sensação biológica momentânea ou conjuntural por não ter o que comer); fome como sujeito ou ente maligno; fome crônica, antiga ou de longa duração; e

carência alimentar intensa capaz de provocar no organismo diversas sensações, tais como: roncar de fome, chorar de fome, embriagar-se de fome e enlouquecer de fome.

O *quinze* segue a trilha dos romances que inauguraram a *literatura da seca* ou *literatura da fome* no Brasil,<sup>18-23</sup> procurando abordar as drásticas consequências das secas periódicas e prolongadas na região do semiárido nordestino, particularmente, as condições de fome e miséria dos retirantes sertanejos. Neste sentido, uma das primeiras cenas em que a palavra “fome” é usada ocorre no início do capítulo 5, quando a autora narra o plano de retirada que o personagem Chico Bento apresenta para sua esposa. Neste primeiro recorte, a palavra é usada com significado de “morrer de fome”, por não ter o que comer em função da seca e da miséria:

Agora, ao Chico Bento, como único recurso, só restava arribar. Sem legume, sem serviço, sem meios de nenhuma espécie, **não havia de ficar morrendo de fome, enquanto a seca durasse**. Depois, o mundo é grande e no Amazonas sempre há borracha<sup>25</sup> (cap. 5, p. 15 – grifo do autor).

Em sua trajetória a pé, até chegar à capital Fortaleza, a autora narra inúmeras cenas da trágica saga de Chico Bento e sua família e suas estratégias visando à sobrevivência frente à seca, à fome e à miséria. Em uma das passagens, a família do vaqueiro se depara com outros retirantes que se preparavam para comer as carnes fétidas de uma novilha (rés) que já encontraram doente, quase morta. Para evitar esse tipo de constrangimento ou penúria humana, Chico Bento decide compartilhar com os demais retirantes o pouco de comida que transportava para a sobrevivência de sua família. Esta cena ocorre no capítulo 7, quando a família de Chico Bento busca descansar à sombra de um grande juazeiro encontrado no caminho, no qual estavam os demais retirantes. A palavra “fome” é usada metaforicamente como um sujeito capaz de provocar sensações desconfortáveis ou mal-estar, seja físico, emocional ou mental:

Em toda a extensão da vista, nem uma outra árvore surgia. Só aquele velho juazeiro, devastado e espinhento, verdejava a copa hospitaleira na desolação cor de cinza da paisagem. Cordulina ofegava de cansaço. A Limpa-Trilho gania e parava, lambendo os pés queimados. Os meninos choramingavam, pedindo de comer. E Chico Bento pensava: **“Por que, em menino, a inquietação, o calor, o cansaço, sempre aparecem com o nome de fome?”**

— Mãe, eu queria comer... me dá um taquinho de rapadura!

— Ai, pedra do diabo! Topada desgraçada! Papai, vamos comer mais aquele povo, debaixo desse pé de pau?<sup>25</sup> (cap. 7, p. 19 – grifo do autor).

Uma das cenas mais trágicas provocadas pela fome foi a morte por intoxicação alimentar do filho de Chico Bento, Josias, após comer raiz de mandioca crua, a qual é narrada no capítulo 10. Um estudo de revisão da literatura científica realizado por Carmo et al.<sup>29</sup> teve por objetivo analisar aspectos da intoxicação aguda e crônica provocada pelo consumo de mandioca crua (*Manihot esculenta Crantz*), fazendo um paralelo com a narrativa de Rachel de Queiroz. A revisão apontou que a mandioca contém glicosídeos cianogênicos com potencial de formar cianeto de hidrogênio e causar intoxicação aguda, provocando diversos sintomas gerais, podendo ser fatal. O tratamento é feito com antídotos como os complexos com cobalto e os oxidantes formadores de metemoglobina. Os autores concluíram que os sintomas apresentados por Josias são típicos

de um episódio da referida intoxicação alimentar, sinalizando a fidelidade científica do registro literário feito pela autora. Vejamos a cena:

De tarde, **quando caminhavam com muita fome**, tinham passado por uma roça abandonada, com um pau de maniva aqui, outro além, ainda enterrados no chão.

Josias, que vinha atrás, distanciou-se. Viu o pai descuidado dele, pensando em encontrar um rancho; a mãe, com o menino no quadril, marchava lá mais na frente.

Ele então foi ficando para trás, entrou na roça, escavacou com um pauzinho o chão, numa cova, onde um tronco de manipeba apontava; dificilmente, ferindo-se, conseguiu topar com uma raiz, cortada ao meio pela enxada.

Batendo de encontro a uma pedra, trabalhosamente, arrancou-lhe mais ou menos a casca; e enterrou os dentes na polpa amarela, fibrosa, que já ia virando pau num dos extremos.

Avidamente roeu todo o pedaço amargo e seco, até que os dentes rangeram na fibra dura<sup>25</sup> (cap.10, p.24– grifo do autor).

Na longa estrada até Fortaleza, frente aos sofrimentos causados pela fome, sede e cansaço, o vaqueiro Chico Bento encontrou uma cabra no caminho e matou o animal para alimentar sua família. Entretanto, ao iniciar o esquartejamento da cabra, o dono do animal o surpreendeu, reclamando a sua posse e o acusando de ladrão:

Caindo quase de joelhos, com os olhos vermelhos cheios de lágrimas que lhe corriam pela face áspera, suplicou, de mãos juntas:

— Meu senhor, pelo amor de Deus! Me deixe um pedaço de carne, um taquinho ao menos, que dê um caldo para a mulher mais os meninos! **Foi pra eles que eu matei! Já caíram com a fome!**...<sup>25</sup> (cap. 12, p. 29 – grifo do autor).

Em várias passagens de *O quinze* a autora usa hipérboles para enfatizar a sensação de fome intensa sofrida por seus personagens: roncar de fome; chorar de fome; embriaguez de fome e enlouquecer de fome. Vejamos alguns recortes dessas hipérboles:

Angustiado, Chico Bento apalpava os bolsos... nem um triste vintém azinhavrado... Lembrou-se da rede nova, grande e de listas que comprara em Quixadá por conta do vale de Vicente. Tinha sido para a viagem. Mas antes dormir no chão do que ver os meninos chorando, **com a barriga roncando de fome**<sup>25</sup> (cap. 9, p. 22 – grifo do autor).

Lá se tinha ficado o Josias, na sua cova à beira da estrada, com uma cruz de dois paus amarrados, feita pelo pai. Ficou em paz. Não tinha mais que **chorar de fome**, estrada afora. Não tinha mais alguns anos de miséria à frente da vida, para cair depois no mesmo buraco, à sombra da mesma cruz<sup>25</sup> (cap. 12, p.27 – grifo do autor).

Vicente contava agora a história de uma mulher conhecida que endoidecera, quando viu os filhos morrendo à falta de comida.

Dona Inácia observou:

— **Talvez tenha enlouquecido também de fome. Fome demais tira o juízo**<sup>25</sup> (cap. 14, p 32 – grifo do autor).

Sombras vencidas pela miséria e pelo desespero que arrastavam passos inconscientes, **na derradeira embriaguez da fome**<sup>25</sup> (cap.13, p.30– grifo do autor).

No capítulo 18, já em Fortaleza, em uma cena em que conversa com Dona Inácia e sua neta Conceição, Chico Bento relembra os tristes e dolorosos eventos que vivenciou em sua retirada:

Sentado na salinha da rua de São Bernardo, o velho chapéu entre as pernas, uma tira áspera de cabelos envesgando os olhos, Chico Bento conversava com Conceição e a avó sobre o futuro, o seu incerto futuro que a perversidade de uma seca entregara aos azares da estrada e à promiscuidade miserável dum abarracamento de flagelados. **Tristemente contou toda a fome sofrida e as consequentes misérias**<sup>25</sup> (cap. 18, p. 40 – grifo do autor).

Em uma das cenas do capítulo 25, a autora descreve alguns sinais clínicos das consequências biológicas da fome no corpo das crianças sertanejas, denotando sua aproximação com os movimentos literários do naturalismo e do realismo social:

E à porta das taperas, as criancinhas que brincavam e acorriam em grupos curiosos, à vista da cadeirinha, **ainda tinham a marca da fome tristemente gravada nos pequeninos rostos ossudos, dum amarelo de enxofre**. Carecia esperar que o feijão grelasse, enramasse, floresse, que o milho abrisse as palmas, estendesse o pendão, bonecasse, e lentamente endurecesse o caroço; e que ainda por muitos meses a mandioca aprofundasse na terra as raízes negras... **Tudo isso era vagaroso, e ainda tinham que sofrer vários meses de fome**<sup>25</sup> (cap. 25, p. 57 – grifo do autor).

## **O ambiente alimentar, os hábitos e práticas alimentares em *O quinze***

Em relação aos alimentos e outros termos investigados no romance *O quinze*, de Rachel de Queiroz, observou-se uma pequena e pouco diversificada lista de palavras relacionadas à temática investigada, sendo que as frequências verificadas foram: café (n=21); farinha (n=13); carne (n=10), incluindo carne de bode e carne seca; leite (n=10); rapadura (n=9); mandioca (n=3); feijão (n=2); milho (n=2); pão (n=2); sanduíche (n=2); licor (n=2); açúcar (n=1); legume (n=1); pirão de peixe (n=1); beiju (n=1); comer (n=17), incluindo “de-comer” e “o comer”; comida (n=8);jantar (n=4); almoço (n=3); sede (n=3); beber (n=3) e alimentos (n=1).

Ao longo da retirada a pé, entre Quixadá e Fortaleza, a autora narra qual foi a dieta básica inicial da família de Chico Bento: carne de bode, seca, farinha, rapadura, café e água. Sendo assim, recortamos a cena de uma refeição realizada pela família de retirantes em sua primeira noite de viagem, que ocorre no capítulo 7:

Na primeira noite, arrancharam-se numa tapera que apareceu junto da estrada, como um pouso que uma alma caridosa houvesse armado ali para os retirantes. O vaqueiro foi aos alforjes e veio com uma manta de carne de bode, seca, e um saco cheio de farinha, com quartos de rapadura dentro. Já as mulheres tinham improvisado uma trempe e acendiam o fogo. E a carne foi assada sobre as brasas, chiando e estalando o sal. Pondo na boca o primeiro pedaço, Chico Bento cuspiu: — Ih! Sal puro! Mesmo que pia!

Mocinha explicou: — Não tinha água mode lavar...

Sem se importarem com o sal, os meninos metiam as mãos na farinha, rasgavam lascas de carne, que engoliam, lambendo os dedos.

Cordulina pediu: — Chico, vê se tu arranja uma aguinha pro café... Apesar da fadiga do longo dia de marcha, Chico Bento levantou-se e saiu; a garganta seca e ardente, parecendo ter fogo dentro, também lhe pedia água”<sup>25</sup> (cap. 7, p.18).

O café foi o alimento (bebida) mais frequentemente observado na narrativa de Rachel de Queiroz em *O quinze*. Observou-se seu emprego já cena inicial do capítulo 1 do romance, quando as personagens Dona Inácia e sua neta, Conceição, realizam uma ceia (última refeição diária):

Na grande mesa de jantar onde se esticava, engomada, uma toalha de xadrez vermelho, duas xícaras e um bule, sob o abafador bordado, anunciavam a ceia:

— Você não vem tomar o seu café com leite, Conceição?

A moça ultimou a trança, levantou-se e pôs-se a cear, calada, abstraída. A velha ainda falou em alguma coisa, bebeu um gole de café e foi fumar no quarto<sup>25</sup> (cap.1, p.8).

Outra cena que destacamos em relação ao consumo de café em *O quinze* ocorre no capítulo 19, envolvendo a família de Chico Bento:

Cordulina já o esperava meio inquieta. Desde que o Josias morrera e o Pedrinho fugira, vivia cheia desses terrores de morte e abandono. Bastava que Chico Bento demorasse um nada, para que ela andasse aflita, ansiosa, tremendo por qualquer nova desgraça a que chegasse sem se saber como. **Ele trazia um pão, rapadura e um pouco de café.** E o alvoroço da meninada que o acolheu, e lhe arrebatou as compras, bem lhe pagou as tristes horas do dia, curvado sobre a pá, em tempo de morrer de calor e cansaço”<sup>25</sup> (cap. 19, p.41 – grifo do autor).

E mais uma cena relacionada ao consumo de café pelos personagens de *O quinze*, desta vez recortada do capítulo 21, envolvendo os personagens Lourdinha e seu irmão Vicente. Na cena, a autora utiliza recursos literários para chamar a atenção do leitor sobre as características organolépticas da bebida café:

E quando Lourdinha chegou com o café, muito quente e cheiroso, ele ria com gosto do caso da prima, sentindo a envolvê-lo uma doce atmosfera de apaziguamento, de afeto, onde sua alma fatigada encontrava derivativo e repouso<sup>25</sup> (cap. 21, p. 49).

No capítulo 19, a narradora faz um dos raros e talvez único registro de uma refeição habitual - o almoço. A cena descreve o sentimento de prazer e, simultaneamente, de amargura que o personagem Chico Bento expressa ao realizar sua primeira refeição no emprego que consegue no programa governamental de assistência aos flagelados da seca:

Duramente Chico Bento trabalhou todo o dia no serviço da barragem. Só de longe em longe parava para tomar fôlego, sentindo o pobre peito cansado e os músculos vadios. E o almoço, ao meio-dia, onde, junto ao pirão, um naco de carne cheiroso emergia, mal o soergueu e animou. Já era tão antiga, tão bem instalada a sua fome, para fugir assim, diante do primeiro prato de feijão, da primeira lasca de carne!... E até lhe amargou o gosto daquela carne, lembrando-se de que Cordulina, a essa hora, engolia talvez um triste resto de farinha, e junto dela, devorada a magra ração, os meninos choravam... Mas, à tarde, quando sentiu tinir no bolso o jornal ganho, um novo sentimento o animou. Tinha finalmente algum dinheiro — só dois níqueis, é bem verdade! —, mas dinheiro ganho com seu esforço, com os calangros dos seus braços, e que o auxiliaria a alimentar a filharada esfomeada...<sup>25</sup> (cap. 19, p.41).

O termo “comida” foi usado por oito vezes ao longo do romance, a maioria relacionada ao programa governamental de assistência alimentar aos flagelados da seca, sediado no campo de concentração dos retirantes, em Fortaleza. Uma destas vezes apareceu no capítulo 14, em um diálogo entre os personagens Dona e Inácia e Vicente:

—“ Por que Conceição não aparece?

— Está na escola; isto é, a estas horas deve estar no Campo de Concentração.

— Fazendo o quê? — Ela faz parte do grupo de senhoras que distribuem comida e roupa aos flagelados”<sup>8</sup> (cap. 14, p. 31).

Outra cena relacionada ao uso do termo comida que faz referência ao campo de concentração dos flagelados de Fortaleza, envolve um diálogo entre Dona Inácia e uma retirante que bateu em sua porta da casa para pedir esmola, o qual ocorre no capítulo 23:

— E no Campo de Concentração não dão mais comida, não? Diz que lá ninguém morre de fome!

— Ora, se não morre! Aquilo é um curral da fome, doninha!

Dona Inácia saiu em direção à cozinha. Quando voltou, com um prato numa mão e uma colher na outra, a rapariga deitava no sofá a criança que piorara.

— Está aqui, para você levantar as forças...

Famintamente, a mulher devorou tudo. Depois, pondo a colher no prato vazio, limpou os beijos nos molambos do braço:

— Deus lhe pague, doninha...<sup>25</sup> (cap. 23, p. 52).

Por fim, em seu primeiro romance, Rachel de Queiroz, reproduz relatos de episódios de antropofagia ou canibalismo já registrados em obras da *literatura da seca* que antecederam *O quinze*, tais como, *Os retirantes*, de José do Patrocínio<sup>39</sup> e *A fome: cenas da seca do Ceará*, de Rodolfo Teófilo.<sup>40</sup> Ou seja, utilizando-se de recursos do realismo literário, de forma simples e coloquial, a escritora procura retratar, em seu romance, as mais degradantes e extremas consequências provocadas pela fome e miséria naquele contexto da seca de 1915 no sertão do Ceará. A cena foi narrada no capítulo 14, envolvendo os personagens Dona Inácia, Conceição e Vicente:

— Contar o quê? História de seca? Diz que um negro lá pras bandas de Morada Nova matou um menino, salgou, e ficou comendo os pedaços, aos poucos.

Dona Inácia pôs as mãos, horrorizada. Conceição olhou-o com espanto:

— Deveras?

— Contam... E você tem visto muito horror, no Campo de Concentração?

— Coisas medonhas! Mas ainda não vi se comer gente, não...<sup>25</sup> (cap. 14, p. 32).

## CONCLUSÃO

A análise histórico-literária realizada do romance *O quinze* possibilitou a seguinte síntese conclusiva:

1. Rachel de Queiroz seguiu a trilha dos romances que inauguraram a *literatura da seca*, procurando abordar as drásticas consequências das secas periódicas e prolongadas do semiárido nordestino, particularmente, as condições de fome e miséria dos retirantes sertanejos.
2. A palavra “fome” foi usada com múltiplos significados, sendo os mais frequentes: morrer de fome por privação alimentar (em função da seca e da miséria); sensação biológica momentânea por não ter o que comer; ter fome crônica ou de longa duração; fome como sujeito ou ente maligno; e significados hiperbólicos: roncar de fome, chorar de fome, embriagar-se de fome e enlouquecer de fome.
3. O ambiente alimentar foi pouco retratado no romance, expressando em si, as reais condições de insuficiência alimentar vivida pelos retirantes. A autora abordou com precisão a dieta básica da família sertaneja retirante: carne seca de bode, farinha, rapadura, café e água.
4. Embora não explicita a determinação histórico-social e política da fome e suas formas de enfrentamento no contexto cearense da seca de 1915, o romance procura abordar a temática dentro de uma perspectiva crítico-social.

## REFERÊNCIAS

1. Castro J. Geografia da fome (O dilema brasileiro: pão ou aço). 10ª Edição. Rio de Janeiro: Antares/Achiamé; 1980.
2. Food and Agriculture Organization of United Nations (FAO), International Fund for Agricultural Development (IFAD), United Nations Children's Fund (UNICEF), World Food Programme (WFP), World Health Organization (WHO). El estado de la seguridad alimentaria y la nutrición en el mundo 2024: Financiación para acabar con el hambre, la inseguridad alimentaria y la mal nutrición en todas sus formas. Roma, FAO. 2024. <https://doi.org/10.4060/cd1254es>.
3. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. Segurança alimentar 2023. Rio de Janeiro: IBGE; 2024. [Acesso 12 mar 2025]. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102084.pdf>
4. Food and Agriculture Organization of United Nations (FAO), International Fund for Agricultural Development (IFAD), United Nations Children's Fund (UNICEF), World Food Programme (WFP), World Health Organization (WHO). The State of Food Security and Nutrition in the World 2025 – Addressing high food price inflation for food security and nutrition. Rome, FAO, 2025. <https://doi.org/10.4060/cd6008en>
5. Vasconcelos FAG. Fome, eugenia e constituição do campo da nutrição em Pernambuco: uma análise de Gilberto Freyre, Josué de Castro e Nelson Chaves. *Hist Cien Saude – Manguinhos*. 2001;8(2):315–39.
6. Vasconcelos FAG. Tendências históricas dos estudos dietéticos no Brasil. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. 2007;14(1):197-219.
7. Abramovay R. O que é fome [eBook]. São Paulo: Brasiliense; 2017.
8. Valente FLS. Fome e desnutrição: Determinantes sociais. Campina Grande: Editora da Universidade Estadual da Paraíba (EDUEPB), 2021.
9. Freitas MCS. Uma abordagem fenomenológica da fome. *Revista de Nutrição*. 2002;15(1):53–69.
10. Sordi D; Leme AS. Concepções de fome no espaço público brasileiro (1930-2022). *Estudos Históricos*. 2024;37:e20240308.
11. Teles H, Rech Andrighetti I, Duarte Corrêa L. O Retrato de um Brasil que-passa-fome: a fome como expressão do subdesenvolvimento. *Revista de Políticas Públicas*. 2022;26(1):147-164.
12. Vasconcelos FAG, Machado ML, Medeiros MAT, Neves JA, Recine E, Pasquim EM. Public policies of food and nutrition in Brazil: From Lula to Temer. *Revista de Nutrição*. 2019;32:e180161.
13. Jesus JG, Hoffmann R. Insegurança alimentar no Brasil e relação com a pobreza e outros condicionantes, 2004 a 2023. *Segurança Alimentar e Nutricional*. 2024;31:e024010-e024010.

14. Neves JA, Machado ML, Oliveira LDA, Moreno YMF, Medeiros MAT, Vasconcelos FAG. Unemployment, poverty, and hunger in Brazil in Covid-19 pandemic times. *Rev Nutr.* 2021;34:e200170. <https://doi.org/10.1590/1678-9865202134e200170>
15. Food and Agriculture Organization of the United Nations (FAO), the International Fund for Agricultural Development (IFAD), the United Nations Children's Fund (UNICEF), the World Food Programme (WFP). *The State of Food Security and Nutrition in the World 2018. Building climate resilience for food security and nutrition.* Rome, FAO. [Acesso 12 mar 2025]. Disponível em: <https://www.sdgfund.org/sites/default/files/state-food-security-nutrition-2018-en.pdf>
16. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). *Pesquisa de orçamentos familiares 2017-2018: análise do consumo alimentar pessoal no Brasil.* Rio de Janeiro: IBGE, 2020. [Acesso 12 mar 2025]. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101742.pdf>
17. Food and Agriculture Organization of the United Nations (FAO), the International Fund for Agricultural Development (IFAD), the United Nations Children's Fund (UNICEF), the World Food Programme (WFP). *The State of Food Security and Nutrition in the World 2022. Repurposing food and agricultural policies to make healthy diets more affordable.* Rome, FAO. [Acesso 12 mar 2025]. Disponível em: <https://www.fao.org/3/cc0639en/cc0639en.pdf>
18. Brito L. A fome: retrato dos horrores das secas e migrações cearenses no final do século XIX. *Estação Literária* [Internet]. 2013;10B:111-125. [Acesso 12 mar 2025]. Disponível em: <https://www.uel.br/pos/letras/EL/vagao/EL10B-Art8.pdf>
19. Albuquerque Junior DM. As imagens retirantes. A constituição da figurabilidade da seca pela literatura do final do século XIX e do início do século XX. *Varia História* [Internet]. 2017;33(61):225-251. <https://doi.org/10.1590/0104-87752017000100010>
20. Mendonça EG, Alencar MCF. "Esquálidas criaturas de aspecto horripilante": a fome na literatura sobre a seca de 1877-79. *Revista Ágora* [Internet]. 2021;32(1):e-2021320106. <https://doi.org/10.47456/e-2021320106>
21. Rocha D. Os retirantes (1879), de José do Patrocínio: texto fundador da literatura da seca. *Revista Crioula* [Internet]. 2022;(29):95-124. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-7169.crioula.2022.186490>
22. Maia MN, Santos CD. Bocas tortas: naturalismo sertanejo e literatura das secas no Brasil. *Terra Roxa e Outras Terras* [Internet]. 2023;43 (2):90-102. <https://doi.org/10.5433/1678-2054.2023vol43n2p90>
23. Maia MN. A colonialidade e a literatura na construção discursiva do sertão. *Via Atlântica* [Internet]. 2024;25(1):632-674. <https://doi.org/10.11606/va.11.197865>
24. Bosi A. *História concisa da literatura brasileira.* 40 ed. São Paulo: Cultrix, 2002.

25. Queiroz, Rachel. *O quinze* [recurso eletrônico]. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012. [Acesso 12 mar 2025]. Disponível em: <https://arteref.com/wp-content/uploads/2019/05/O-Quinze-Rachel-de-Queiroz.pdf>
26. Godói BR. O regionalismo na obra "*O quinze*", de Rachel de Queiroz, e a Crítica ao Papel da Mulher Nordestina em seu Tempo e Espaço. *Revista de Ciências Humanas* [Internet]. 2018;18(2):1-12. [Acesso 12 mar 2025]. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/RCH/article/view/8036/pdf>
27. Freitas ES, Fofano CS, Luquetti ECF, Dornelas EFG, Barroso RS. Memórias: aspecto marcante na obra "*O quinze*", de Rachel de Queiroz. *Revista Philologus* [Internet]. 2019;25(75 Supl):1876-1893. [Acesso 12 mar 2025]. Disponível em: <https://www.revistaphilologus.org.br/index.php/rph/article/view/680/729>
28. Freitas RA, Nascimento MP. Geografia e literatura: um elo possível por meio da obra "*O quinze*", de Raquel de Queiroz. *GEOFRONTER* [Internet]. 2020;6(1):1-18. 2020. [Acesso 12 mar 2025]. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/GEOF/article/view/4873>
29. Carmo FC, Pinheiro RGO, Costa JC, Bachur TPR. *O Quinze*: excerto da literatura brasileira acerca da intoxicação por *manihot esculenta crantz*. *Revista Intertox de Toxicologia, Risco Ambiental e Sociedade* [Internet]. 2021;14(2),5-12. <https://doi.org/10.22280/revintervol14ed2.498>
30. Sarmiento ECD, Moura GJB. Topofobia e Topofilia em *O Quinze*: uma análise ecocrítica da obra de Rachel de Queiroz. *Geografia* [Internet] 2022;31(1):75-94. <https://doi.org/10.5433/2447-1747.2022v31n1p75>
31. Bandeira MA, Vieira MS. La novela El quince como resistencia: la memoria de las víctimas de los campos de concentración cearenses. *REMHU, Rev Interdiscip Mobil Hum* [Internet]. 2023;31(68):201-17. <https://doi.org/10.1590/1980-85852503880006813>
32. Sarmiento ECD, Moura GJB. Conceição em *O quinze*: uma abordagem feminista e de colonial. *Rev Estud* [Internet]. 2023;31(2):e85691. <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2023v31n285691>
33. Siega PR, Ceribeli MCB. Literatura, violência e fome: pontos convergentes nas linhas d'Os sertões, d'A bagaceira, d'O quinze e Pedra Bonita. *Revista Odisseia* [Internet]. 2023;8(Especial):77-97. <https://doi.org/10.21680/1983-2435.2023v8nEspecialID31989>
34. Rovetta IL, Teixeira JBF, Reis LC, Stelet BP. Medicina, Literatura e três histórias: forjando tranças para a formação médica. *Saberes Plurais Educação na Saúde* [Internet]. 2024;8(2):e143860. <https://doi.org/10.54909/sp.v8i2.143860>
35. Vieira CF, Nogueira NPA, Silva NAV, Goes ACS. Aspectos Científicos Implícitos na Obra *O Quinze* de Rachel de Queiroz: Aplicações na Educação em Ciências. *Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências* [Internet]. 2024;24:e52275-24. <https://doi.org/10.28976/1984-2686rbpec2024u867890>
36. Candido A. *Noções de análise histórico-literária*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005.

37. Glanz K, Sallis JF, Saelens BE, Frank LD. Healthy Nutrition Environments: concepts and measures. *Am J Health Prom* 2005; 19(5):330-3.
38. Canesqui AM, Garcia RWD. *Antropologia e Nutrição: um diálogo possível*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2005.
39. Patrocínio J. Os retirantes. Belém: Núcleo de Educação à Distância (NEAD), [1879]. [Acesso 12 mar 2025]. Disponível em: [http://www.portugues.seed.pr.gov.br/arquivos/File/leit\\_online/jose\\_patroc2.pdf](http://www.portugues.seed.pr.gov.br/arquivos/File/leit_online/jose_patroc2.pdf)
40. Theophilo R. *A fome: Senas da sêcca do Ceará*. Fortaleza: Gualter R Silva - Editor. 1890. [Porto: 1890, Typ. de A. J. da Silva Teixeira]. [Acesso 12 mar 2025]. Disponível em: [https://www.google.com.br/books/edition/A\\_fome/PndNAAAAYAAJ?hl=pt-BR&gbpv=1&printsec=frontcover](https://www.google.com.br/books/edition/A_fome/PndNAAAAYAAJ?hl=pt-BR&gbpv=1&printsec=frontcover).

#### Colaboradores

Não se aplica

---

Recebido: 21 de maio de 2025

Aceito: 24 de novembro de 2025